ISSN: 2358-8829

# A VISUALIDADE NO TEATRO NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: QUAIS ATRAVESSAMENTOS SÃO POSSÍVEIS ENTRE O TEATRO E ARTES VISUAIS NA SALA DE AULA?

Gilmar dos Santos Mendonça [1]

## INTRODUÇÃO

O cenário educacional contemporâneo, demanda práticas pedagógicas integradoras que articulem as dimensões sensíveis, criativas e expressivas dos estudantes. Nesse contexto, o teatro na escola não se restringe ao texto dramático ou à cena puramente falada: ele é essencialmente imagem, espacialidade, materialidade plástica e composição visual. Por meio de cenários, figurinos, iluminação, maquiagem e, sobretudo, da presença do corpo em cena, a prática cênica estabelece vínculos diretos e indissociáveis com as artes visuais.

A escola, enquanto espaço plural de trocas e interações simbólicas, é atravessada cotidianamente por estímulos visuais que educam o olhar e configuram subjetividades. Todavia, a história do ensino de arte no Brasil carrega uma marcante tradição positivista e utilitarista, que historicamente confinou o componente curricular à realização de desenhos estereotipados para datas comemorativas, 'presentinhos' festivos ou encenações meramente decorativas para culminâncias escolares desprovidas de reflexão crítica e estética. Torna-se imperativo, portanto, superar a persistente fragmentação disciplinar e a 'anemia teórica' que historicamente empobreceu a área.

Diante desse panorama, o objetivo central deste estudo consiste em refletir sobre os atravessamentos entre o teatro e as artes visuais no contexto da docência em arte na Educação Básica, tomando a visualidade cênica como eixo de articulação pedagógica fundamentado nas pedagogias culturais. Pretende-se identificar os elementos imagéticos intrínsecos à prática cênica, analisar os pontos de convergência entre essas linguagens no

[1] Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Graduado em Teatro pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Graduado em Artes Visuais pelo Centro Universitário Etep, Graduando em Pedagogia pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e Professor da Rede Municipal de Ensino de Maceió/AL. E-mail: gs16@aluno.ifal.edu.br.

ISSN: 2358-8829

processo de ensino-aprendizagem e propor encaminhamentos que potencializem a formação estética, crítica e autônoma dos educandos.

A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e autoetnográfica, articulando o exame teórico à análise de experiências pedagógicas desenvolvidas pelo autor enquanto artista-docente nas redes pública e privada de Maceió/AL. As discussões revelam que a integração entre a plasticidade espacial e a ação dramática transcende a função ornamental e catalisa a emancipação dos estudantes, rompendo com a segmentação curricular tradicional.

## METODOLOGIA

Metodologicamente, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e analítico-reflexivo, com abordagem autoetnográfica. A autoetnografia configura-se como um método no qual a experiência pessoal, profissional e biográfica do pesquisador-docente é tomada como fonte de análise crítica para compreender fenômenos culturais e pedagógicos mais amplos, entrelaçando a sensibilidade artística com o rigor da investigação científica.

O campo empírico da investigação é constituído pelas práticas pedagógicas vivenciadas pelo autor na condição de artista-docente atuante nos ensinos Fundamental e Médio nas redes pública e privada de Maceió/AL. Os dados empíricos foram construídos a partir de registros sistemáticos em diários de campo pedagógicos, planos de aula, registros fotográficos dos processos e observação atenta das produções plásticas e cênicas dos educandos.

A análise deteve-se prioritariamente sobre quatro dispositivos práticos centrais vivenciados em ateliês escolares: (1) oficinas de criação e caracterização de máscaras expressivas; (2) concepção e confecção de figurinos conceituais; (3) elaboração de cenários tridimensionais a partir do reaproveitamento de materiais recicláveis; e (4) experimentações com iluminação cênica, sombras e foco luminoso na sala de aula. Todo o trabalho foi desenvolvido sob a observância rigorosa das diretrizes éticas para a pesquisa em Educação, resguardando o anonimato e a integridade dos sujeitos envolvidos.

## REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

A fundamentação teórica desta investigação ancora-se no diálogo entre a epistemologia da arte, a visualidade cênica e as pedagogias culturais. Ana Mae Barbosa (1975, 1998) constitui referência fundante ao combater a 'anemia teórica' que reduz a arte escolar à mera livre expressão desprovida de rigor ou ao ativismo recreativo. Conforme assevera Barbosa (1998, p. 17), 'além de reservar um lugar para a arte no currículo, [...] é também necessário se preocupar como a arte é concebida e ensinada'. A autora defende que o ensino da arte deve integrar a produção artística, a fruição estética e a contextualização histórica, habilitando o estudante a ler e problematizar as imagens do mundo com densidade crítica.

No campo da cena, Flávio Desgranges (2015) amplia essa concepção ao sustentar que a visualidade teatral opera como uma linguagem que ultrapassa a função meramente decorativa ou ilustrativa do cenário. O teatro é compreendido como espaço de acontecimento visual, onde a iluminação, os adereços, as máscaras e as composições corporais geram dramaturgias visuais autônomas que dialogam diretamente com a sensibilidade do espectador antes mesmo da enunciação verbal.

Essa dimensão estética ganha contornos formativos cruciais sob o prisma de Elliot Eisner (2008), para quem a experiência artística ensina que as respostas aos problemas humanos nem sempre são unívocas ou pré-moldadas. Eisner (2008, p. 15) pontua que 'a qualidade do trabalho era sempre apreciada por aquilo que fez dentro da experiência', ressaltando que o ensino da arte na Educação Básica precisa ser capaz de articular o indivíduo ao tecido coletivo da sala de aula.

Por sua vez, as pedagogias culturais, articuladas a partir dos Estudos Culturais e das proposições de Henry Giroux (1997) e Cilene Canda (2021), compreendem que a educação não se circunscreve aos conteúdos formais, sendo profundamente mediada por artefatos visuais e práticas cotidianas que produzem identidades e relações de poder. A sala de aula de arte se consolida como território de disputa simbólica e de acolhimento da diversidade cultural, onde o corpo, a imagem e a cena atuam como dispositivos legítimos de resistência frente aos padrões visuais homogeneizantes da sociedade de consumo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

A análise das experiências pedagógicas demonstrou que a integração entre a plasticidade visual e a ação dramática potencializa significativamente o fazer artístico dos educandos, estruturando-se em três eixos interpretativos fundamentais:

1. A Visualidade como Dispositivo Poético e Narrativo: As oficinas revelaram que elementos plásticos como máscaras, maquiagens e cenários deixam de desempenhar um papel subordinado ou meramente decorativo. Eles atuam como disparadores de significado e pesquisa psicofísica. Na oficina de confecção de máscaras, por exemplo, o contato direto com o gesso e a modelagem sobre o suporte físico exigiu dos estudantes um investimento cinestésico e tátil minucioso. Ao pintarem e desenharem relevos em suas criações, as crianças não produziam um simples acessório, mas materializavam a própria psicologia da personagem, que passava a ditar o tom da voz, o ritmo da marcha e o gestual cênico.

2. Articulação Orgânica entre Fruição e Produção: A mediação docente estruturou-se na ponte dialógica entre a apreciação de imagens históricas e contemporâneas e o fazer manual. Os alunos deixaram a condição de reprodutores mecânicos para tornarem-se pesquisadores visuais, discutindo o simbolismo das cores quentes e frias, os contrastes lumínicos e o peso dramático das texturas recicláveis na cena escolar.

3. A Escola como Campo Simbólico e Emancipatório: Sob a lente das pedagogias culturais, as vivências artísticas possibilitaram que a sala de aula se tornasse um espaço seguro de acolhimento das singularidades. O corpo e a visualidade permitiram a contestação de estereótipos estéticos eurocêntricos, valorizando as narrativas e identidades das juventudes da periferia maceioense.





ISSN: 2358-8829

Figura 1: Oficina de confecção e caracterização de máscaras: (A) modelagem com ataduras gessadas sobre suporte; (B) máscaras resultados plásticos e expressivos finalizados pelos estudantes. Fonte: Registros da pesquisa docente (2018).

A Figura 1 ilustra com clareza o itinerário pedagógico percorrido pelos educandos. Na etapa (A), observa-se o processo artesanal e colaborativo de aplicação das camadas de atadura gessada umedecida, exigindo paciência, cuidado com as proporções e atenção à anatomia e às expressões faciais. Na etapa (B), evidencia-se a diversidade cromática e a singularidade plástica alcançada: cada máscara traz traços expressivos únicos — do cômico ao grotesco, do animalizado ao lírico —, revelando como o aprendizado das artes visuais (linha, cor, volume e contraste) fundamenta e enriquece a visualidade e a corporeidade cênica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A O diálogo planejado entre o teatro e as artes visuais na Educação Básica rompe de maneira contundente com a segmentação curricular tradicional e enriquece a formação estética no ambiente escolar. A visualidade cênica não se resume a um adorno suplementar, mas constitui a própria tessitura ontológica do teatro, operando como ponte metodológica que confere materialidade plástica ao imaginário dramático.

A investigação reafirma a relevância da docência como território legítimo de pesquisa e construção de saberes, demonstrando que o professor, ao atuar como artista-docente reflexivo, é capaz de ressignificar os espaços pedagógicos e transformar salas de aula em verdadeiros ateliês cênicos. A visualidade atua, assim, como elo transformador para o desenvolvimento do pensamento crítico, da capacidade expressiva e da sensibilidade estética dos sujeitos frente às representações sociais contemporâneas.

Como prospecção para a comunidade científica e para a práxis da Educação Básica, aponta-se a urgência de reformulações curriculares e processos de formação continuada de professores de arte que superem o isolamento disciplinar, integrando o corpo, o espaço e a imagem em propostas interdisciplinares vivas, críticas e emancipadoras.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade; Práticas Culturais; Visualidade Cênica; Saberes Docentes; Linguagens Artísticas.

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos estudantes das redes pública e privada de ensino de Maceió/AL, cuja entrega sensível, expressividade e entusiasmo tornaram vivas as oficinas e reflexões que deram corpo a esta pesquisa.

À Universidade Federal de Alagoas (UFAL), à Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ao Instituto Federal de Alagoas (IFAL), pelos espaços formativos que impulsionaram o diálogo contínuo entre arte, pedagogia e docência reflexiva.

**REFERÊNCIAS**

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, A. M. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BARBOSA, A. M. **Tópicos utópicos**: educação e arte. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

CANDA, C. N. **Educação estética e o ensino de teatro**: percepções e práticas na escola pública. Salvador: Editora UFBA, 2021.

COELHO, M. A. Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva. **Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1208-1224, 2014.

CUNHA, F. R. S. Da educação artística ao ensino de teatro: contribuição para uma prática pedagógica emancipadora. **Teatro em 3C**, Palmas, v. 7, n. 1, p. 1-14, 2017.

DESGRANGES, F. **Teatro e educação**: práticas de liberdade. São Paulo: Hucitec, 2015.

EISNER, E. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Currículo sem Fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 5-17, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIROUX, H. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.